

APRESENTAÇÃO

Uma das mais importantes características do homem é a sua genialidade criativa. Através das artes – plásticas, visuais, musicais, literárias – ou das descobertas e relatos das constatações científicas, o homem cria mecanismos para deixar suas digitais no mundo.

Se pararmos por apenas um rápido minuto e examinarmos todas as construções humanas que estão ao nosso redor, possivelmente nos daremos conta das dimensões de nossa capacidade criativa. Essas dimensões podem ser representadas através de uma frase, repleta de significados e propostas sensoriais ou, até mesmo, de uma invenção tecnológica de grande porte, uma daquelas capazes de nos levar ao espaço ou de nos fornecer dados precisos acerca de astros distantes. É através dessas construções humanas que deixamos marcas de idealizações, sonhos, construtos e divagações por onde quer que passemos.

Nossas ideias são concebidas, destruídas, ressignificadas, divididas, divulgadas, infinitamente, por todo o globo. Assim, diante da vastidão do mundo, como ter a convicção de que nossas idealizações são exclusivas? Talvez, em lugares distantes e impensados outros homens tenham, através do inconsciente coletivo, formulado pensamentos como os nossos.

Diante dessas colocações, o que poderia ser considerado original, imaculado, puro no quesito criação, especialmente em eras de globalização? Nos nossos dias, o acesso à informação se torna facilitado e a mesma se propaga em velocidades antes inimagináveis. Em segundos é possível estar em contato com criações e fatos ocorridos do outro lado do mundo. Assim, o novo, no sentido de original, único, torna-se mais e mais diluído.

Original ou não, exclusivo ou não, o fato é que temos a necessidade de materializar pensamentos. Este projeto de materialização tende a funcionar como mola propulsora que nos permite seguir, buscar, almejar, construir, desconstruir. De algum modo, para sanar os apelos de nosso ego, ou por necessidade profissional, estudantil, científica, tentamos cotidianamente tornar táteis nossas idealizações. Dessa forma, lançamos os questionamentos: *uma ideia não exibida, não comunicada, não materializada, não assinada, guardada em uma gaveta serve ao bem comum? Conjecturas mantidas no nível do pensamento, não*

enunciadas através da palavra escrita, ou falada, atingem seus alvos? Que finalidades possuem as ideias se não as retiramos do espaço da idealização para as transportamos para a realidade concreta, tátil, palpável?

Guardadas na memória, ou no mais íntimo e secreto recanto do cérebro humano, talvez essas ideias não ultrapassem os limites que as nomeiam: são apenas ideias. No entanto, se, por um agir propulsor, conseguimos concretizar o que idealizamos, dá-se a passagem de uma possibilidade a ato e este ato, marcado como sendo o fruto de nossa autoria, carrega consigo o peso de nossa responsabilidade.

Não acreditamos ser devaneio imaginar que, em um mundo tão vasto, ideias não possam se fazer vivas aqui, lá, por mim, por eles. Mas, em um nível formal de encaminhamento dos fatos, acaba por se tornar o autor, criador, inventivo, primeiro, aquele que dá nome à sua obra, que a assina e assume a responsabilidade por ela e pelo que a mesma comunica, ao menos em se tratando do que abordam os direitos autorais.

Para o Direito, o que se analisa é a materialidade de um fato e não a intenção de realizá-lo ou não. Há, dessa forma, para se concluir que uma obra foi plagiada, recursos de análise do material investigado a fim de que um juiz possa dizer se houve má fé ou uma coincidência de ideias.¹

Os demais idealizadores passarão a dialogar com tais construções, as primeiras, assinadas, fazendo a elas todas as alusões necessárias, mas ao seu tempo, com outro olhar, reconfigurando o caráter autoral que se renova, que não se interrompe e que não se esgota.

Partindo deste longo exórdio, que efetiva nossa marca individual na abordagem de um assunto – *autoria e plágio* – pisemos em solos menos voláteis. No meio acadêmico, principalmente em se tratando de Ciências Humanas, ser inédito, original, em um sentido que tange a descoberta de algo novo, jamais pensado ou discutido é uma tarefa arriscada. Nossos construtos têm suas bases ancoradas nas interlocuções estabelecidas com outros pesquisadores, o que promove diálogos acerca de um mesmo problema, porém relatados de maneiras distintas, ou examinados por lentes diversas. Além disto, há uma longa tradição

¹ Para maiores detalhes, é possível conferir as ideias propostas por Leite (2004 / 2009).

filosófica e histórica que torna o original menos tangível. Os novos exames trazem novos modelos de abordagens de temas anteriormente investigados.

Eis o diferencial. Talvez não sejamos exclusivos no fomentar das ideias, mas podemos nos distinguir dos demais a partir de nossa forma peculiar de expressar, articular e apresentar nossas concepções. Como cientistas, é através de comunicações, palestras, ensaios, livros, sites, dentre uma gama de possibilidades que tornamos públicas nossas conjecturas, dando origem a novas interlocuções, novas buscas, novas tentativas metodológicas para o delineamento de um campo de pesquisa. Registramos de algum modo nossa criação ou, melhor dizendo, a expressão de nossa criação, o que permite que um conhecimento deixe de ser exclusivo e possa ser compartilhado, promovendo debates e novos encaminhamentos.

E é com base no que acreditamos constituir esses novos encaminhamentos que apresentamos, de modo cauteloso, nosso intuito de discutir *como se constroem as vozes autorais no universo acadêmico. Como é possível estabelecer critérios de composição autoral, de marcas individuais, naquilo que tanto já se discutiu, escreveu, ou foi apresentado à sociedade? Qual a importância de nos fazermos autores? Como sermos autores sem que haja repetição de modelos expressivos já realizados, sem plágio, sem perdermos de vista nossa voz?*

Ao plagiar, podemos *diluir* nosso dizer autoral, passando a *exaltar* as vozes alheias que utilizamos como nossas. Trata-se de se usar uma *camuflagem* que impede a expressão de nossos dizeres, que, em tese, deveriam ser exaltados.

Optamos por um caminho teórico que dialoga com nossos dados de forma objetiva, em um campo onde conceitos fronteiriços como os de autoria e plágio envolvem diversificadas formas de entendimento conceitual.

Não temos a pretensão de sermos originais no que diz respeito à temática, uma vez que inúmeras e relevantes pesquisas têm sido realizadas por estudiosos de todo o mundo. Contudo, fazendo uso de nossas visões, de nossas críticas e poder de análise do que já se construiu, nosso nicho investigativo pretende, minimamente, trazer contribuições, propostas de abordagens de um assunto clássico no mundo acadêmico: *a configuração, o entendimento e o tratamento que se pode dar ao plágio e à autoria.*

INTRODUÇÃO

Durante todo o processo de construção deste trabalho investigativo tivemos o cuidado de planejar e sistematizar cada etapa, a fim de minimizar as falhas de pesquisa e manter uma didaticidade que pudesse permitir a outros pesquisadores replicar a empiria a pretexto de confrontar os dados e as considerações que neste texto apresentamos.

De antemão, desejamos evidenciar o alcance de nosso recorte e, conseqüentemente, de nossas reflexões. Operamos no campo das licenciaturas, abarcando cursos variados das Ciências Humanas. Desse modo, nossas constatações não podem ser ampliadas para as áreas de exatas ou de saúde, assim como também não se aplicam aos cursos de Educação a Distância (EaD), que configurariam, estes e essas, novos objetos de pesquisa.

Diante de tais pormenores, organizamos nosso texto de modo a permitir que o leitor acompanhe toda a construção da pesquisa: da concepção da ideia e suas justificativas, chegando às considerações finais e à proposta de continuidade nas buscas por elucidações referentes ao campo em questão.

Dentro desses propósitos, nosso primeiro capítulo expõe um panorama do tema da investigação, desde a sua concepção até a delimitação do objeto de pesquisa. Com isto, justificamos nossa jornada, bem como delimitamos nosso recorte e direcionamento metodológico.

Na sequência, no que configura o segundo capítulo de nossa dissertação, colocamos o leitor em contato com o referencial teórico que ancorou nossas elucubrações e norteou as discussões acerca dos temas que compõem essa dissertação.

O capítulo três é a nossa revisão de literatura, a qual foi estruturada por subtemas e que agrega, diante da gama de opções de consulta, os estudos que julgamos ser os mais relevantes para nosso diálogo.

O quarto capítulo é utilizado para que possamos descrever cada etapa realizada na pesquisa a pretexto de construir de modo gradual um encaminhamento da investigação, desde as etapas iniciais às considerações que encerram este texto, mas que se mantêm abertas a futuras interlocuções.

No quinto capítulo, colocamos o leitor em contato com a descrição objetiva dos resultados da pesquisa, desenhando um quadro de informações acerca

das percepções de plágio e autoria que tangem os universos de licenciandos e seus professores. Torna-se possível, deste modo, visualizar como o plágio tem sido conceituado, quem declara ou não ter feito plágio, que ferramentas são utilizadas para tal, como o ato tem sido justificado. Tais dados nos permitirão tecer as reflexões que serão expostas no capítulo seguinte.

O sexto capítulo é estruturado sob o viés de discussões, onde sincretizamos os dados produzidos na empiria com nossa revisão de literatura e referencial teórico. Neste momento do texto, aferimos, corroboramos e discordamos de determinados pontos, ampliando a discussão e mostrando a necessidade de um tratamento objetivo, ético, profícuo e bem fundamentado do tema dentro dos cursos de formação de professores.

Por fim, encerramos esta dissertação apresentando nossas considerações finais em que colocamos enfaticamente nossa marca autoral, bem como apresentamos as limitações de nossa investigação e os caminhos a serem seguidos em um futuro próximo com novas pesquisas no campo.

Esperamos que nossos debates sejam produtivos e que os mesmos possam dialogar com outras pesquisas, no intuito de que possamos somar, configurar coletivamente, colaborativamente, caminhos para discussões e, ao mesmo tempo, viabilizar propostas e despertar a consciência acerca de um problema que, no Brasil, tem recebido pouca atenção: *a construção da autoria e suas relações com o universo do plágio.*

1. DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Realizar pesquisa, além de todas as implicações que emolduram o objeto a ser pesquisado, os dados produzidos, sua análise e a tessitura de considerações, exige do pesquisador determinadas habilidades. Uma das mais importantes, talvez, seguindo as ideias propostas por Becker (2007), seja a escolha do que investigar e o recorte realizado, a fim de minuciar o foco dos questionamentos.

Em se tratando de pesquisa no campo da Educação, o qual dialoga com os estudos das Ciências Sociais, Psicologia, Comunicação, História, Antropologia, Filosofia, para citar algumas das diversas áreas que intercambiam as reflexões educacionais, é preciso partir de critérios que justifiquem e delimitem o objeto a ser investigado.

Para o que propusemos, perseguimos duas premissas básicas: *a primeira se relaciona com nosso particular interesse no aprofundamento e entendimento do vasto universo da educação, com suas crises, suas colaborações sociais, suas falhas e possibilidades de sucesso; a segunda tange o universo da construção de vozes autorais.*

Essa segunda premissa tem origem na observação dos trabalhos de alunos de ensino fundamental e médio ao longo de nossa jornada na docência, e, ainda, através da observação de dúvidas apresentadas por alunos de graduação ao comporem seus trabalhos de pesquisa. Nestas ocasiões pudemos perceber que raras foram as vezes em que os alunos citados fizeram valer o poder de seus dizeres. Na maior parte dos casos, os trabalhos eram meras cópias de páginas de internet ou livros, sem as devidas referências. Esses jovens não possuíam o entendimento do que é verdadeiramente uma pesquisa, seus processos de construção e, menos ainda, de sua importância na construção do conhecimento.

As construções escritas desses educandos em seus trabalhos de pesquisa eram desprovidas das ideias pessoais, dos pontos de vista, críticas, concordâncias. Além de o objeto investigado não ser assimilado e entendido, havia uma lacuna que deveria ser preenchida por dizeres, vozes, pensamentos que fundamentassem uma construção autoral.

Dentro desse conjunto de fatores que emolduravam um quadro de incompletude no que diz respeito às pesquisas, era comum que os estudantes

buscassem nas cópias de livros ou sites da *web* as soluções para realizar seus trabalhos. Com isso, a cada vez que um trabalho era copiado, os educandos em questão deixavam de aproveitar a oportunidade de se tornarem autores e passavam a dar destaque apenas às vozes daqueles que lhes serviram como fonte de consulta. No entanto, é preciso pensar que ainda que alguns estudantes não sejam capazes de identificar que, ao plagiar, estão realizando um ato ilícito, o fato é que essa prática, aos moldes ocidentais, constitui, sim, uma atividade ilícita subjugada a preceitos legais e que fere os padrões morais e éticos socialmente edificados para a organização do bem comum.

Na verdade, não é apenas o ensino básico o contemplado com a ação de plagiários. Outros níveis da educação, como as graduações e as pós-graduações – o que engloba especialistas, mestrados, doutorados e os próprios professores universitários – também têm sido vitrines de eventos de plágio, cujos casos mais graves acabam sendo levados a público através dos meios de comunicação de massa.²

Dessa forma, os meandros que perpassam as questões do trabalho de pesquisa, ligam-se diretamente com os conceitos fronteiriços de plágio e autoria, o que vem preocupando educadores, pesquisadores, universidades e órgãos de fomento à pesquisa. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em carta emitida em 2010 e divulgada em massa para todo o meio acadêmico, traz orientações na tentativa de combater o plágio.³

Essa fronteira conceitual é clássica no campo das pesquisas científicas e, talvez, o que hoje ocorra seja a ampliação das ferramentas utilizadas para plagiar. O que outrora se fazia por meio da cópia de material impresso, atualmente se realiza através de recursos disponibilizados pelas novas tecnologias, principalmente pela internet que, na década de 1990, começou a integrar todos os espaços comerciais, instituições educacionais e residências, tornando-se uma das mais ágeis ferramentas de aproximação entre o sujeito e o mundo.

Contudo, o mau uso e a falta de orientação de como se apropriar desta

² Em 20 de fevereiro de 2011, a Universidade de São Paulo veiculou em sua Sala de Imprensa, notícia de demissão de professor que liderava uma pesquisa que plagiou trabalhos de outros pesquisadores. Vide: <http://www.usp.br/imprensa/?p=7567> (Acesso em 25 de setembro de 2012)

³ Vide orientações sobre combate ao plágio emitido pela Capes no endereço: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/OrientacoesCapes_CombateAoPlagio.pdf (Acesso em 20 de agosto de 2012).

ferramenta nas pesquisas educacionais tendem, de acordo com nossas visões, a ser facilitadores da atividade de plágio em trabalhos de pesquisa. Talvez os jovens estejam habituados a utilizar os novos recursos tecnológicos, contudo, talvez lhes falte um manejo profícuo da seleção do material consultado e dos modos de manejá-lo, conforme reflete Livingstone (2011).

Por esse motivo, para a presente investigação, propomos que o uso das modernas ferramentas tecnológicas sejam consideradas, afinal, parafraseando a fala do professor Sérgio Abranches (2009)⁴, não é mais possível que o campo educacional opere sob tensões que polarizam o professor – “pertencente à era analógica” – e o aluno – “pertencente à era digital”. A internet é uma realidade que veio para ficar e é necessário que nós, enquanto educadores, tenhamos conhecimento do bom manejo da mesma, de suas possibilidades, a pretexto de melhor orientarmos nossos educandos.

A partir dessas indagações, procuramos entender *o que faz com que jovens pesquisadores busquem no plágio um meio para a realização de suas pesquisas. Por que motivos estudantes universitários não reconhecem a importância de suas opiniões e dos seus dizeres? Como professores universitários têm se relacionado, organizado e conduzido as pesquisas de seus alunos? Plagiar é meramente um ato irresponsável, de trapaça, ou há, dentro destes pressupostos, meandros deste assunto a serem analisados?*

Essas questões, vastas dentro de um macro contexto – *plágio e autoria* – delimitam o nosso campo de atuação: *a relação fronteiriça entre a autoria e o plágio nos trabalhos acadêmicos de graduandos de cursos de licenciatura*. Esse recorte destaca a importância do papel do professor no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no que diz respeito à formação e orientação do aluno na realização de pesquisas. Levantamos aqui a hipótese de que existam professores que não dominam os mecanismos para a realização de um trabalho investigativo e isso, por sua vez, faz com que os trabalhos desse porte se tornem meros engodos para que haja uma nota, um crédito a ser lançado nos históricos.

Assim, devemos dar atenção à formação do professor e à preparação dos licenciandos para as atividades de pesquisa que, por ventura, venham desenvolver

⁴ *Autoria na era Digital*. Matéria publicada no Rio Mídia, 2009 podendo ser encontrada na íntegra em: <http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/entrevistas/autoria-na-era-digital> (acessado em 24 de junho de 2011)

na docência, afinal, são os licenciandos de hoje, os futuros professores. Por esse motivo, precisam, então, saber manusear todo o arsenal de busca, de investigação existentes para que, a médio prazo, ensinem aos seus alunos a importância, as diretrizes e os processos de construção de um trabalho investigativo. Como acréscimo, que estas pesquisas possam ter um conteúdo bem desenvolvido e que apresentem os posicionamentos críticos dos pesquisadores, através de suas vozes autorais. Acreditamos ainda que essas vozes devam estar emolduradas por preceitos técnicos e éticos que fundamentam qualquer trabalho investigativo.

Aparentemente há, por parte dos universitários, uma banalização, uma certa tolerância ao plágio, o que modifica posturas dentro da universidade, principalmente no que concerne à verificação dos trabalhos dos alunos, prática que deixa de ser uma mera vigilância ou policiamento, passando a ser um ato educativo. Desse modo, como seria possível validar o aprendizado, a construção de saberes, os níveis argumentativos dos estudantes se estes fazem uso de meios ilícitos e antiéticos – como o plágio – para cumprirem suas obrigações estudantis?

Os elementos aqui relatados nos levaram a elaborar a pergunta que norteia nossa investigação. Esta pergunta, que carrega consigo uma série de implicações, constitui o problema da pesquisa que pode ser sintetizado da seguinte forma: ***como licenciandos e professores universitários entendem e lidam com a questão da diluição da voz autoral facilitada pelo plágio?***

Essa pergunta se desdobra em outras mais específicas como:

1. Como professores universitários e licenciandos entendem os conceitos de autoria e plágio?
2. Conseguem os licenciandos autorar de forma autônoma, ética e responsável?
3. De que modo o plágio tem sido construído?
4. Como autorias têm sido construídas?
5. Como o plágio é justificado por licenciandos e como são os juízos morais dos mesmos?
6. Seria todo plágio um ato de trapaça?
7. Professores acompanham, orientam e ensinam os meandros de uma pesquisa? De que forma?

A partir da questão norteadora da investigação, operamos com elementos que perpassam o elo fronteiro entre os conceitos de autoria e plágio no âmbito da academia, buscando entender como tais conceitos se relacionam. Isso através

de uma triangulação que permita confrontar os pontos de vistas de licenciandos, de seus professores e da literatura especializada. Assim, na sequência, exporemos o aporte teórico que utilizaremos para nos guiar nesta busca por respostas para as questões acima delineadas.